

A Marca da Maldade

Silvana Vilodre Goellner*

O policial Vargas (Charlton Heston) ao discordar dos procedimentos utilizados pelo colega Quinlan (Orson Welles), no que diz respeito ao uso da autoridade policial adverte: “impor as leis é um trabalho sujo”.

É neste horizonte ético que se desenvolvem vários confrontos entre os dois personagens, envolvidos na investigação do assassinato que conduz a trama de “*A Marca da Maldade*”, de Orson Welles, considerado por alguns como um filme *fascista* dirigido por uma personalidade *fascista*, conforme afirmação na conversa de Orson Welles com Peter Bogdanovich, publicada no livro “Este é Orson Welles”, p. 362.

Recorrendo à sua expressão política-partidária, o fascismo tem sustentação em um amplo movimento de massas onde figura a concepção do Estado como algo absoluto perante o qual todos os indivíduos ou grupos são relativos, uma vez que só devem ser concebidos em relação a ele. (*Hobsbawn, Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*)

Há, portanto, a indestrutível idéia da autoridade onipresente. Mas a discussão política não se apresenta nestes termos no filme de Welles. Há, sim, uma provocação ao que poderia ser considerado como “um jeito fascista de ser”.

Sob este olhar é possível situar em Quinlan um comportamento fascista onde o abuso do poder e a onipresença da autoridade caracterizam o seu modo de ser no mundo. Comportamento este que incomoda Vargas, supostamente correto e íntegro, levando-o a perguntar: Quem manda, Capitão, é a polícia ou a lei?, logo depois de ter afirmado com orgulho: “num país livre a polícia segue a lei e esta protege os inocente e os culpados”.

Se por um lado a atitude fascista se mostra através do modo de Quinlan desafiar os códigos policiais fazendo valer sua autoridade ao forjar as provas que acabam por incriminar os suspeitos (sempre culpados) há, por outro, a própria ressonância do filme. A recorrência à identificação do ser fascista como autoritário, decadente e reacionário, provoca em Welles

* Professora da UFRGS, Doutoranda na Faculdade de Educação/UNICAMP - Laboratório de Estudos Audiovisuais - OLHO.

afirmação contrária: o filme é “antifascista até demais”, porque ele quebra com o conservadorismo e a decadência, denunciando-os.

Se a atitude fascista tem como motor a ênfase aos valores tradicionais é neste ponto que o filme de Welles revela-se antifascista, quando dá movimento aos fáceis maniqueísmos do bem e do mal, do justo e injusto e revolucionaria. A traição e a corrupção oscilam ora no comportamento de Quinlan, ora no de Vargas. Como oscilam também a atitude íntegra, leal e compreensiva dos personagens.

Welles, ao provocar este movimento, nega a valorização do que é tradicional e nos possibilita entender que o pensamento e o sentimento fascista está presente, em cada um dos personagens. Não enquanto expressão política mas no sentido caracterial onde o “*fascismo é a atitude emocional básica do homem oprimido da civilização autoritária da máquina, com sua maneira mística e mecanicista de encarar a vida*” (Reich, *Psicologia de Massas do Fascismo*). Atitude esta que reverbera, vez que o fascismo se origina na transformação de uma emoção revolucionária em ilusão tanto pelo medo da verdade quanto pela invenção de um suposto tradicional, geralmente forjado, mostrando que “*os fascistas são os revolucionários da contra-revolução*”. (Hobsbawn, *op. cit.* p.121)

“*A Marca da Maldade*” transita ao longe desta ilusão no momento em que nos mobiliza a buscar outros e novos significados à valorização do viver humano, expressos seja na história trágica ou bem sucedida dos dois investigadores. Ainda que a punição de um e a redenção de outro sejam esperadas, há no filme a representação dessas duas possibilidades como que pertencentes a um mesmo viver - uma mesma vida - que, por força da própria vida, forja destinos diferentes: a morbidez do mergulho de Quinlan no rio fétido e/ou a vivacidade do beijo “happy end” do casal Vargas. Um tradicional não tradicional.

Referências bibliográficas

- HOBSBAWM, E., *Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)*, SP, Cia. das Letras, 1991.
REICH, Wilhelm, *Psicologia de Massas do Fascismo*, SP, Martins Fontes, 1988.
WELLES, Orson e Bogdanovich, Peter, *Este é Orson Welles*, SP, Globo, 1995. .